



ANA PAULA JOB

*Nunca
adies
O amor*





“Nunca Adies o Amor”

Nunca adies o amor.

Nunca percas as palavras no emaranhado do tempo.

Nunca desperdices a oportunidade, quando ela se te oferece de braços abertos, desafiando-te a neles lançares todos os teus sentidos.

Criarás, assim, um laço que perdurará no tempo, nas lembranças, na alegria de sentir que realizaste tudo o que era possível, no momento certo, enquanto a brisa fresca ainda soprava, enquanto as montanhas exibiam o seu cume, altivamente indiferentes às agruras dos temporais.

Nunca adies o impulso de doar a tua chama, nunca a retenhas dentro de ti.

Porque o dia seguinte pode não florescer, a próxima brisa pode não soprar, o aroma das flores a que te habituaste pode não estender a sua doçura, amanhã.

Por isso, ama tudo o que hoje te é dado amar.

Diz tudo aquilo que se sobrepõe ao vazio do silêncio, ao encanto que ele desfaz, na barreira que instala entre os seres.

Sê hoje todo o amor que gostarias de receber.

Toda a bondade que sentes que te enaltece, quando a deixas transbordar.

Todo o farol de luz que te faz permanecer, para sempre, no coração dos outros, daqueles que amas, daqueles que fazem brotar em ti essa nascente de amor.

E ela volta a ti, quando menos esperas...

Se não esperares retorno, contrapartida, se não estabeleceres qualquer condição, cobrança ou apego.

Nunca adies o amor,

Correndo o risco de, se o fizeres, ele não esperar por ti...

Ana Paula Job





Carta de uma filha a sua mãe...

A última coisa que posso fazer por ti, minha mãe...

Foste tu que me ofereceste este tempo. Longe de um trabalho desvirtuado na sua nobreza original, na sua essência, entregue a uma tarefa repleta de sentido e de luz.

Tempo de reflexão, maturação e colheita. E a colheita compilei-a neste livro que te ofereço.

Retribuo, assim, a dádiva que me deste. A dádiva de ter tempo. Tempo para o essencial. Tempo para semear claridade.

Deste-ma, generosamente, à custa da tua própria dor e provação.

Mais uma vez, desse modo, manifestaste o teu amor por mim. A tua generosidade, de quem se perde no próprio caminho por aquele que ama.

A tua bondade, na qual se refletiu a felicidade da minha infância e o amparo de toda uma vida.

Até hoje e até sempre...será assim. Como sempre foi. Que sejas abençoada também por tudo isso...

Ana Paula Job





Um

Pegou no casaco amarrado e lançou-o para o sofá, como se lançasse toda a fúria e revolta que o dominavam.

Sempre vivera para o trabalho. Tinha orgulho de exercer um cargo importante na empresa onde trabalhava, de nenhuma falha, que todos procuravam em todos, se lhe poder apontar, em termos das funções que lhe cabiam.

Quando começara, a todos procurava agradar, mostrando-se sempre o mais empenhado e solícito dos funcionários. Logo que em alguma reunião se desconhecia alguma informação, algum dado, oferecia-se de imediato para ir resolver a situação; alguma dúvida, algo em falta, era o primeiro a levantar-se, numa subserviência infinita que lhe tinha valido muitas vezes.

Tinha a sua família, sim, como mandava o figurino, e, conforme todos faziam na empresa, exibia os seus elementos como troféus conquistados, meros adornos que acrescentavam algo ao seu próprio brilho.

A importância que lhes dava era a mesma que todos atribuíam aos seus próprios familiares. Passavam, de bom grado, horas extra no trabalho, preferindo canalizar as suas ténicas energias para inutilidades e absurdos a que a profissão os obrigava, a irem para casa, discutir com o cônjuge e ouvir a berraria caprichosa dos rebentos.

Talvez fosse isso que explicava a permanência constante em reuniões intermináveis, sem nunca olharem sequer para o relógio. Assim sendo, e atribuindo, por isso, a si próprios, a maior das importâncias, afundavam-se de boa vontade, e com todo o empenho, nas maiores imbecilidades que, soando a algo vital e de suma relevância, nada produziam de útil e muito menos contribuía para que alguém fosse mais feliz.

Feliz? E o que era isso? O que se fomentava ali era, sim, o culto da infelicidade, sem que ninguém o soubesse e de tal se apercebesse, o que era a forma mais inteligente e sagaz de tornar os outros infelizes.

As chefias, impulsionadas pelas diretrizes superiores, mas supe-

rando-as grandemente em obrigações que incutiam aos demais, asfixiavam subtilmente, formavam um charco onde todos iam beber do mesmo lodo, transformavam as pessoas em simples marionetas que jamais vislumbravam a possibilidade de questionar e de criar algo mais do que todas as banalidades de que de bom grado se embebiam, com o fim último de brilhar, agradar, impressionar todos os seus pares, semelhantes a eles próprios nos anseios e ambições.

Quem sabe um dia não poderiam alcançar o cargo desejado, a função que levaria ao topo que tanto almejavam e que os faria, não serem respeitados, mas sim bajulados e receados por todos?

A bajulação era, aliás, a condição essencial que levava aquele que a praticava a, num ciclo vicioso, igualmente se aproximar do que mais desejava. Num mundo medíocre era a mediocridade que sobressaía e vingava, nenhum outro valor poderia sobrepor-se.

Ricardo ocupava já um lugar cimeiro que lhe permitia exercer toda a prepotência do poder. Lembrava-se de que ele próprio fora em tempos mais humilde, mais humano e compreensivo, tanto quanto se podia lembrar. Parecia-lhe isso ter acontecido numa época difusa e distante, de tal modo que mal recordava o significado de tais conceitos.

Num rasgo de consciência que as palavras de Belinda lhe haviam despertado, nas últimas horas, pensou que nem sempre parecera tão frio e indiferente, aos seus próprios olhos. Nem sempre vira aquela imagem calculista e implacável, quando se mirava ao espelho.

Que lhe teria feito a vida, então? Mais precisamente, pois que a vida, desde há muitos anos, corria numa linha reta, linear e sempre previsível, que lhe teriam provocado as facilidades que sempre tivera, na sua profissão, o poder e o prestígio que tão facilmente lhe tinham ido parar às mãos?

Sentou-se e pegou num copo de whisky, tentando travar os laivos de consciência que lhe eram tão estranhos, tão pouco familiares.

Que raio se passava por causa da discussão que acabara de ter com essa mulher? Mal a conhecia, era apenas uma subordinada, falhada, incompetente, que não hesitara, na sua estupidez colossal, em falar-lhe abertamente, como o fizera, com uma franqueza desconcertante que deitara tudo a perder.

O que o intrigara, até ao momento, levando-o àquele estado de exaltação, fora a forma límpida e cristalina como ela se lhe dirigira, com uma coragem desconcertante, de quem nada tinha a temer.

Sim, ela própria lhe dissera isso, que o que ninguém lhe tirava era a extrema e maravilhosa liberdade de se expressar sem medo, de dizer o que todos precisavam de ouvir, sem receio de perder o que quer que fosse. Porque o que havia a “perder”, afirmara ela, com a limpidez dos seus olhos veementes, em nada lhe interessava, pois recusava-se a fazer parte do rebanho ordeiro e pardacento com que convivía há anos e ao qual se submetera pela premente necessidade de ganhar a vida, mas com o qual jamais se identificara.

Nunca se conformara com a mediocridade na qual viviam e trabalhavam os seus pares, dentro de um sistema perverso e vil que ninguém parecia contestar, e sobretudo com a forma cega e absurda como pareciam colocar toda aquela carga de inutilidades à frente de todas as outras vertentes das suas vidas.

A amarga necessidade de ganhar a vida justificava todos os seus passos, todos os desvios morais, todas as trivialidades a que se entregavam. A ambição de ascender, na podridão daquele seio, legitimava todas as bajulações e subserviências, quando ela bem sabia quão mal falavam de todos e de tudo pelas costas e sorriam e se mostravam docilmente servís pela frente.

Não, Ricardo não podia conceber tal afronta. Ferira-lhe o orgulho, por muito que não o quisesse admitir, por muito que tentasse gravar nele próprio a ideia mentirosa de que uma mulher daquele calibre não interessava, não existia, era como se fosse invisível ao seu olhar e à sua percepção.

Deitou-se no sofá a fumar um cigarro e os anéis de fumo como que o hipnotizaram, fazendo-o recuar no tempo. Longe... Cada vez mais longe...

Mergulhou, sem se dar conta, numa espécie de transe inesperado, na lembrança dele próprio muito jovem e das metas que na altura ambicionava atingir. Mais nobres, muito mais nobres, certamente, deu por si a pensar, pois o que almejava na altura era... ser escritor.

As divagações surgiam espontaneamente, sem esperarem ser convidadas, acompanhando as imagens que vinham à sua mente como se fossem cenas de um filme.

Escrevera alguns textos, que publicara, e durante algum tempo perseguiu tenazmente o seu sonho, embora o sucesso teimasse em não surgir, a não ser entre amigos e alguns leitores fiéis, que generosamente apreciavam os seus livros, convencendo-o inúmeras vezes do seu inegável talento.

O rosto tornou-se-lhe mais sombrio ao recordar o dia em que para sempre desistira do seu sonho. Reviu a discussão com o pai, que insistia na necessidade de ele arranjar uma profissão segura, fazendo uso do curso que tirara, em vez de continuar a perder tempo e vida, embrenhado numa ilusão que nunca o levaria a lado nenhum.

A discussão assumira contornos tão violentos, nos gestos, nas palavras que se haviam proferido, que Ricardo, desde esse dia, nunca mais voltou a falar com o pai.

Assumia, no entanto, a vitória do mesmo, visto que, a partir desse momento, mudara cabalmente o rumo da sua vida.

Fora vitorioso em roubar-lhe a réstia de esperança, de força, de espírito de luta pelo seu sonho; fora vencedor em fazê-lo sentir o peso do próprio fracasso, vergando-o ao sabor da derrota, ao amargo gosto da desistência.

Talvez por ter sido tão grande a vitória do pai, conseguindo num pequeno instante destruir todo o sentido do seu percurso, nunca lhe pudera perdoar.

Fora tão grande a vitória, que transformara radicalmente os seus objetivos, transformando-o acima de tudo a si próprio, tornando-o o homem do presente, que não se deixava demover por qualquer espécie de entrave, de obstáculo, de escrúpulo.

Chegou a pensar, naquele momento, que, se fosse o homem que era atualmente, quando perseguira um alvo que se esbatera em fumo, certamente teria sido bem-sucedido, pois nada se lhe negava agora, nenhuma porta presentemente se lhe fechava.

No entanto, agora, mesmo que permanecesse a pessoa que fora, seria sempre demasiado tarde, pois o corte com o pai acompanhara o outro grande corte da sua vida; a partir desse dia deixou de escrever e nem foi porque conscientemente assim o quis, ou assim o determinasse. Simplesmente, perdeu a inspiração, nenhuma ideia lhe voltara a ocorrer para o início de um novo livro.

Pensou que isso acontecera porque no seu íntimo já desistira, as palavras duras do pai haviam derrubado o que restava da fé em si mesmo como escritor.

De qualquer modo, tudo isso fora esquecido, jazia morto, enterrado dentro de si, desde há muito, muito tempo.

Ricardo pareceu acordar repentinamente do seu torpor. O cigarro

apagara-se, e com ele cessaram as recordações. Recordações inesperadas e indesejáveis, pensou, pois que há muito não pensava em tudo o que ficara longe e distante.

Fechara a porta do passado a sete chaves e deitara-as todas para trás das costas, seguindo o seu caminho, sempre adiante, sem hesitar.

Não conseguia compreender o que o levava momentaneamente a mergulhar nas águas dessa vida, que em nada se identificava com a sua existência atual, muito menos o que lhe provocara a evocação de pessoas que esquecera dentro de si, protegido pelo invólucro de frieza que moldara para si próprio, cuidadosa e persistentemente, ao longo de tantos anos...